



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA E CONTABILIDADE
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

CAROLINE DE PAULA BRANDÃO DE CARVALHO

**EXISTE SECULARIZAÇÃO NO BRASIL? ANÁLISE ECONOMETRICA A PARTIR
DA DESFILIAÇÃO, DESCRENÇA E AUSÊNCIA DE PRÁTICA RELIGIOSA**

FORTALEZA

2015

CAROLINE DE PAULA BRANDÃO DE CARVALHO

EXISTE SECULARIZAÇÃO NO BRASIL? ANÁLISE ECONOMETRICA A PARTIR DA
DEFILIAÇÃO, DESCRENÇA E AUSÊNCIA DE PRÁTICA RELIGIOSA

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Guilherme Irffi.

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade

C322e Carvalho, Caroline de Paula Brandão de
Existe secularização no Brasil? Análise a partir da desfiliação, descrença e ausência de
prática religiosa / Caroline de Paula Brandão de Carvalho - 2015.
43 f.: il.

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia,
Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Ciências Econômicas, Fortaleza, 2015.
Orientação: Prof. Dr. Guilherme Diniz Irffi.

1. Religiosidade - Brasil 2. Secularização (Teologia) I. Título

CAROLINE DE PAULA BRANDÃO DE CARVALHO

EXISTE SECULARIZAÇÃO NO BRASIL? ANÁLISE ECONOMETRICA A PARTIR DA
DESFILIAÇÃO, DESCRENÇA E AUSÊNCIA DE PRÁTICA RELIGIOSA

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Guilherme Irffi (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Mércia Santos da Cruz
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Prof. Ricardo Brito Soares
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Daniel Cirilo Suliano
Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE)

Ao Deus Todo-Poderoso de Israel.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois sem Ele eu nem estaria viva para fazer este trabalho. Agradeço por ter me capacitado, me sustentando, me iluminado e cuidado de mim durante toda minha vida. Sei que tudo isto é apenas um grão de areia perto do que Ele quer e pode fazer. Estou na expectativa para experimentar a Sua boa, perfeita e agradável vontade em minha vida.

Aos meus pais, que fizeram o possível e o impossível por mim, e me deram todo suporte para concluir mais esta etapa.

Ao professor Guilherme Irffi, pelo professor e orientador que ele foi, por ter comprado minha idéia. Agora ele é responsável pelas minhas intenções em seguir a carreira acadêmica.

Aos professores Ricardo Brito e Mércia Santos, e ao Daniel Suliano, que aceitaram participar da banca examinadora, pelas colaborações e sugestões.

Ao pessoal do CGPR e ao Aroldo de Albuquerque, pelas sugestões.

Ao Raimundo Melo pelo suporte estatístico.

Aos colegas Gérson Guilherme, Vanessa Nascimento, Rodrigo Ito, Isabelle Maria e Telma Rabelo, que tornaram o curso de economia mais agradável.

Aos demais colegas, professores e funcionários da UFC que contribuíram para minha formação.

Às amigas Jessyka, Michele e Júlia.

A todos que torceram e oraram por mim.

“Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento.” (Bíblia Sagrada, 1 Coríntios 1.26).

RESUMO

Nas últimas décadas o Brasil passou por várias transformações no panorama religioso, sendo notório neste contexto o crescimento dos sem religião. Tendo isto em vista, e considerando que mesmo aqueles que mantêm uma filiação religiosa podem ter uma religiosidade aquém do nível esperado pelas igrejas, o objetivo deste trabalho é investigar se existe secularização no Brasil. Para isto, utilizam-se os dados da Pesquisa sobre Religião no Brasil, realizada pelo Instituto Datafolha em 2007, e o arcabouço teórico proposto por Azzi e Ehrenberg (1975). Foram estimados três modelos, utilizando modelos de escolha discreta, controlando por atributos socioeconômicos, demográficos, geográficos e culturais. Os dois primeiros modelos, concernentes à desfiliação e descrença, foram estimados por Probit. O terceiro modelo reporta a ausência de prática religiosa e foi estimado por Probit Ordenado. Os resultados corroboram algumas hipóteses da teoria da secularização, por exemplo, que ter opinião liberal em relação a questões morais e sociais está positivamente associado ao secularismo, e que menores níveis de renda incorrem em menor chance de desfiliação. Além disto, o perfil dos desfiliaados, descrentes e daqueles que não praticam a religião é similar, e aderência religiosa nem sempre implica em prática religiosa mais intensa ou fé nos dogmas religiosos. Assim, é possível afirmar que existe secularização no Brasil.

Palavras-chave: Religiosidade. Secularização. Brasil. Modelos de escolha discreta.

ABSTRACT

Brazil has experienced many transformations in its religious landscape during last decades, being remarkable in this context the growth of the non-religious. Regarding it, and considering that even those who maintain a religious affiliation may have their religiosity below the level expected by the churches, the aim of this study is to investigate whether there is secularization in Brazil. Thereunto it is used data from Brazil Religion Survey conducted by the Datafolha Institute in 2007, and the theoretical framework proposed by Azzi and Ehrenberg (1975). Three models were estimated using discrete choice models, controlling for socioeconomic, demographic, geographic and cultural attributes. The first two models, concerning disaffiliation and unbelief, were estimated by Probit. The third model reports the absence of religious practice and was estimated by Ordered Probit. The results confirm some hypotheses of the theory of secularization, for example, have liberal opinion relating to moral and social issues is positively associated with secularism, and lower levels of income incur lower chance of disaffiliation. In addition, the profile of those who define themselves as non-religious, unbelievers and those who do not practice religion is similar, and religious adherence does not always imply more intense religious practice or belief in religious dogmas. Thus, it is possible to affirm that there is secularization in Brazil.

Keywords: Religiosity. Secularization. Brazil. Discrete choice models.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Religião anterior e atual dos entrevistados	17
Tabela 2	– Frequência com que costuma ir À igreja, ou a cultos ou serviços religiosos, e com que costuma rezar ou orar	18
Tabela 3	– Distribuição das variáveis que compõe o índice de visão secular no Brasil .	20
Tabela 4	– Estatísticas descritivas das variáveis	21
Tabela 5	– Efeitos marginais dos modelos de desfiliação e descrença, estimados a partir do Probit	26
Tabela 6	– Efeitos marginais do primeiro modelo de ausência de prática religiosa, estimado a partir do Probit Ordenado	30
Tabela 7	– Efeitos marginais do segundo modelo de ausência de prática religiosa, estimado a partir do Probit Ordenado	32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A-E	Modelo Azzi e Ehrenberg (1975)
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NBR	Norma Brasileira Regulamentar
PRB	Pesquisa Sobre Religião no Brasil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 ASPECTOS TEÓRICOS E EMPÍRICOS DA SECULARIZAÇÃO	15
2.1 Conceito	15
2.2 A economia da religião e a secularização	16
2.3 O modelo Azzi e Ehrenberg (1975) e evidências empíricas da secularização	17
3 DADOS	21
3.1 Fonte dos dados	21
3.2 Tratamento e análise descritiva dos dados	21
4 MODELO ECONOMETRICO E ESTRATÉGIAS DE ESTIMAÇÃO	27
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
APÊNDICE A – QUADRO COM A DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS	43

1 INTRODUÇÃO

Conforme estudo realizado pelo *Pew Research Center*, em 2012 havia 1,1 bilhão de pessoas em todo o mundo que não possuíam filiação religiosa. Nos Estados Unidos, por exemplo, os sem-religião representavam 20% da população, enquanto que, no Reino Unido, eram 25%, e, na Austrália, 22,3%. Como estes percentuais aumentaram nos últimos anos de maneira acelerada, é provável que a causa não seja o simples crescimento vegetativo dos não religiosos, mas sim, o crescente movimento de desfiliação religiosa, isto é, de pessoas que pertenciam a alguma religião e decidiram abandoná-la.

O Brasil parece seguir essa tendência mundial. Segundo o Censo Demográfico Brasileiro de 2010, cerca de 8% da população no país não pertence a nenhuma religião. Os sem-religião cresceram acentuadamente nas últimas quatro décadas, uma vez que, em 1980, somente 1,5% dos brasileiros declaravam não ter religião (COUTINHO; GOLGHER, 2014).

O abandono da religião pode ser visto como um caso particular de trânsito religioso, sendo que este se justifica pela insatisfação do fiel com a instituição religiosa a que pertence (IANNACCONE, 1998). De fato, parte dos que não possuem religião possuem vasta andança religiosa (SANTOS, 2007). A apostasia pode refletir um desencantamento com as religiões em geral, que não necessariamente implica em ateísmo, mas sim no enfraquecimento das crenças tradicionais.

Entre os que possuem filiação religiosa, a ausência de comprometimento com a religião pode enfraquecer o vínculo com esta (HALMAN; DRAULANS, 2006). Um sinal disto é a indiferença em relação às doutrinas com respeito a questões morais e sociais (como aborto e união homossexual, por exemplo). Este processo em que a religião perde importância é conhecido na literatura como Secularização (THEARDA).

Em termos econômicos, a demanda dos brasileiros por religião está mudando, e, com ela, o mercado de religião, que tem se tornado mais competitivo e privilegia as novas religiões e formas de religiosidade em detrimento das religiões tradicionais. O possível desfecho dessa mudança é um país secularizado, possivelmente menos religioso e

Neste sentido, o principal objetivo deste estudo é analisar se o fenômeno da secularização está presente na sociedade brasileira por meio do arcabouço teórico proposto por Azzi e Ehrenberg (1975), denominado como A-E. Este se destaca por ser um modelo de utilidade que considera que os indivíduos alocam o tempo entre atividades religiosas e

seculares, de acordo com o retorno esperado destas atividades, ou probabilidade de salvação (BARRO; MCCLEARY, 2006).

Assim, modelos de escolha discreta foram utilizados para mensurar o secularismo, que foi analisado em três manifestações distintas. A primeira concerne à desfiliação religiosa, comparando indivíduos que sempre pertenceram a uma religião com aqueles que tiveram uma religião e, em algum momento, decidiram abandoná-la, e no momento da pesquisa declararam não ter religião. A segunda se refere à descrença, e se utiliza das seguintes indagações: i) Acredita em Deus ou em algum tipo de Força Superior?; ii) Acredita que, após a morte, algumas pessoas vão para o céu?; e iii) Acredita que, após a morte, algumas pessoas vão para o inferno? Por fim, modela-se a ausência de prática religiosa a partir da frequência com que costuma ir à igreja, ou a cultos ou serviços religiosos, e também a partir da frequência com que costuma rezar ou orar.

A partir da estimação desses modelos, esperam-se os seguintes resultados: i) que as hipóteses da teoria da secularização, referentes ao perfil dos desfiliaados, descrentes e não praticantes, sejam confirmadas na análise empírica; ii) que o perfil dos ditos *seculares* seja semelhante; e, iii) que não haja correspondência entre pertencimento a uma religião e crenças ou práticas requeridas por esta.

Para a análise empírica, são utilizados dados da Pesquisa sobre Religião no Brasil, doravante PRB, realizada pelo Datafolha em 2007. A amostra contempla 5.700 indivíduos, entre homens e mulheres a partir de dezesseis anos, de todas as macrorregiões brasileiras.

É válido ressaltar que esta base é semelhante à distribuição populacional da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) e ao Censo. Ainda, esta pesquisa permite analisar quais atributos demográficos, socioeconômicos, culturais e geográficos da população brasileira influenciam na decisão de abandonar a religião, seja o abandono visível a partir da desfiliação religiosa, ou dissimulado em uma religião não assumida por meio de práticas religiosas e crenças.

Para alcançar esses objetivos, optou-se por dividir o trabalho em mais cinco capítulos. No próximo capítulo, discorre-se sobre os aspectos teóricos da secularização. Em seguida, são apresentadas a fonte e o tratamento dos dados, juntamente com as evidências empíricas por meio de estatísticas descritivas. Os modelos empíricos e as estratégias de estimação compõem o quarto capítulo. O quinto se reserva à análise e discussão dos resultados. E, por fim, são tecidas as considerações finais.

2 ASPECTOS TEÓRICOS E EMPÍRICOS DA SECULARIZAÇÃO

2.1 Conceito

De acordo com Peter Berger (1967:107) secularização é “*the process by which sectors of society and culture are removed from the domination of religious institutions and symbols*”. Em suma, é a perda da autoridade e da influência da religião sobre os indivíduos. Normalmente, considera-se que este movimento ocorra em três frentes: macro (ou social), meso (organizacional) e micro (individual).

Talvez a manifestação mais óbvia de secularismo a nível social seja a autonomização das instituições, por meio da laicização do Estado, da independência da educação da autoridade eclesiástica e da rejeição de dogmas religiosos em relação ao controle de natalidade e aborto, por exemplo. Outro traslado importante é o desencantamento do mundo, quando a consciência coletiva gradualmente se distancia da cultura religiosa imposta pelas igrejas em direção ao mundano (DOBBELAERE, 1999).

Em relação ao movimento meso (nível organizacional) se destaca o pluralismo religioso, isto é, a coexistência de várias religiões. O pluralismo está intimamente relacionado à relativização da religião, que leva à impossibilidade de que apenas uma esteja correta (DOBBELAERE, 1999; HALMAN; DRAULANS, 2006).

No âmbito individual, o secularismo se verifica na individualização da religião, que acontece quando as pessoas tornam a prática religiosa algo privado, não atrelada aos ritos praticados dentro das igrejas. Há também a individualização das escolhas, quando os indivíduos tomam decisões baseados em sua própria crença, ao invés de considerar o que as cartilhas religiosas ensinam (DOBBELAERE, 1999; HALMAN; DRAULANS, 2006).

Outras duas manifestações de secularismo no âmbito individual são a descrença e o declínio da prática religiosa. Toda religião possui seu próprio conjunto de crenças, e espera que seus fiéis reiterem essas doutrinas. A descrença aparece, portanto, no abandono das doutrinas tradicionais, o que não necessariamente culmina em ateísmo (HALMAN; DRAULANS, 2006). O declínio da prática religiosa seria consequência dos outros aspectos da secularização, principalmente a descrença, pois, quando a pessoa chega ao extremo de renegar ou negligenciar sua fé, é porque esta já está abalada (DOBBELAERE, 1999).

A ideia da secularização tem cerca de trezentos anos, mas apenas recentemente ela começou a ser formalizada por cientistas sociais, principalmente sociólogos, dentre eles Berger, Bruce e Dobbelaere. Entretanto, ainda não existe uma única teoria da secularização; na verdade, não há sequer consenso se esta constitui uma teoria ou apenas um paradigma

dentro do estudo da religião (HALMAN; DRAULANS, 2006). O consenso existe apenas quanto à causa primária deste fenômeno, que é o avanço da modernidade (STARK, 1999).

Dentre os aspectos da modernidade que influenciam no declínio da religião, a literatura tem destacado o desenvolvimento econômico, comumente mensurado através do PIB *per capita* (a nível macro) ou da renda familiar bruta (a nível micro). O aumento da renda traz segurança, de forma que essa necessidade deixa de ser suprida pela religião (HALMAN; DRAULANS, 2006). Outra hipótese recorrente é a associação positiva entre maiores níveis de educação e maior probabilidade de secularização, pois, devido ao contato com a ciência, a explicação religiosa para os fenômenos naturais não pareceria plausível (HURGERMAN, 2011).

A urbanização também tem papel fundamental no secularismo, pois religiões não tradicionais se propagam mais rapidamente, devido às facilidades de comunicação e transporte; dito de outra forma, a urbanização colabora para o pluralismo. Além disso, as áreas urbanas oferecem mais opções de lazer e integração social além da igreja, conforme observado por Brañas-Garza, García-Muñoz e Neuman (2008).

2.2 A economia da religião e a secularização

Por muito tempo, a secularização foi a teoria predominante no estudo sobre religião. Tendo em vista o progresso econômico, científico e tecnológico de suas épocas, estudiosos como Voltaire, Marx, Freud e Comte afirmaram que a religião estava perdendo rapidamente seu poder para explicar os fenômenos e proporcionar segurança às pessoas, pelo que estava fadada ao declínio (STARK, 1991).

Nos anos 1990, o economista Larry Iannaccone, juntamente com os sociólogos Finke, Stark e Bainbridge, lançou os fundamentos da teoria da escolha racional da religião, teoria esta que viria a conflitar com a secularização, uma vez que afirmava que a religiosidade não estava desaparecendo, e sim mais presente do que nunca.

Iannaccone atribui a paternidade da economia da religião à Adam Smith. De fato, em um dos capítulos de sua obra *A riqueza das nações*, Smith fala sobre a competição entre igrejas e como isso pode ser benéfico para os consumidores (fiéis), já que, quando as religiões não competem por membros, ou seja, em caso de monopólio religioso, os clérigos e as instituições religiosas não tem incentivo para ofertar bens de qualidade (cultos, missas, bênçãos), desestimulando os fiéis a consumirem seus produtos (MARIANO, 2008). Baseados nisso, os adeptos da teoria da escolha racional acreditam que o pluralismo religioso é um sinal

de que a religião está bem viva e mantendo – ou lutando para manter – sua importância na sociedade.

Isso vai contra o estabelecido pelo secularismo, cuja hipótese é de que o pluralismo diminui a religiosidade, pois a existência de várias religiões implica na convivência de vários indivíduos de religiões diferentes, o que leva à certa tolerância – fator chave para minar as próprias convicções religiosas (BARRO; MCCLEARY, 2003). Pode-se considerar como evidência empírica os estudos na teoria da conversão¹, onde foi observado que indivíduos que mudam de religião normalmente mudam primeiro os círculos de amizades antes de trocarem de crença (SHERKAT, 1991).

Em termos econômicos, pode-se dizer que a teoria da secularização foca mais na demanda por religião – a qual é afetada por vários fatores, em particular, os atrelados ao desenvolvimento econômico. A teoria da escolha racional abarca a oferta religiosa – considerando as igrejas como empresas, os líderes religiosos como produtores e os fiéis como consumidores que, obviamente, estão em busca da melhor oferta.

Para os adeptos da teoria da escolha racional, o pertencimento a uma religião se justifica pelos benefícios imediatamente percebidos em decorrência da fidelidade à igreja (IANNACCONE, 1998). Para os secularistas, apenas a irracionalidade, a falta de conhecimento ou a necessidade financeira poderiam explicar o porquê de ainda existirem religiões que possuem influência na sociedade em geral, e, principalmente, porque elas teriam peso nas decisões individuais (STARK, 1991; IANNACCONE, 1998). Assim é que o modelo A-E se apresenta como abordagem apropriada para esclarecer este embate.

2.3 O modelo Azzi e Ehrenberg (1975) e evidências empíricas da secularização

O *Religious Household Production* foi a primeira tentativa de modelar a demanda por religião. Trata-se de um modelo de utilidade linear com multiperíodos, que considera a alocação do tempo em atividades seculares (trabalhar fora, por exemplo) e religiosas (como frequentar a igreja). O conceito chave neste modelo é o custo de oportunidade do uso do tempo.

Considerando que existe a expectativa de retorno do investimento na religião na vida após a morte, os indivíduos investem mais (tempo) naquilo que trará o maior retorno; então, pode-se dizer que as pessoas que acreditam mais (tem maior expectativa) na existência de

¹ A teoria da conversão é mais uma no estudo sobre religião. Conversão é a mudança de religião (por exemplo, o indivíduo que deixa de ser católico para ser evangélico). Mudanças entre denominações na mesma religião (como mudar da igreja Presbiteriana para a Metodista) são chamadas na literatura de migração religiosa.

vida após a morte e associam o consumo após a morte à produção religiosa durante suas vidas seriam as que investiriam mais na religião. Indivíduos que preferem o aqui e agora poderiam se concentrar nas atividades seculares e receber o retorno esperado mais rápido².

Uma das principais contribuições deste modelo é a aplicação da racionalidade econômica à demanda por religião; assim, o comportamento religioso dos indivíduos é racional ainda que suas motivações não sejam religiosas, como é o caso das pessoas que frequentam a igreja pela pressão da família, para ser bem visto pela comunidade ou como fonte de integração social.

A formulação teórica deste modelo está alinhada com a teoria da secularização ao supor que o aumento do salário real (que é a medida do custo de oportunidade do tempo) induz à redução da prática religiosa (BARRO; MCCLEARY, 2006). Uma explicação derivada a partir deste modelo prevê que as mulheres frequentam mais a igreja por terem um custo de participação menor do que os homens. Outra hipótese refere-se à idade dos indivíduos: indivíduos mais novos, em busca de oportunidades de trabalho (e salário) melhor, investem mais em atividades seculares do que religiosas.

Barro e McCleary (2003) utilizaram o modelo A-E para comparar as duas teorias, com dados para uma amostra de 61 países. Os autores verificaram que em países desenvolvidos (os que possuíam maior PIB *per capita*), as pessoas são menos religiosas. Em estudo posterior com dados atualizados, Barro e McCleary (2006) confirmaram este resultado.

Para investigar o nível de secularização em que se encontra a Europa, Halman e Draulans (2006) utilizaram tanto os níveis de crença como de prática religiosa – construída a partir da frequência à igreja, frequência da reza e trabalho voluntário em instituições religiosas. Os resultados da análise multivariada apontaram que não ter religião e trabalhar fora contribui para secularização no nível individual. Maiores níveis de educação não se mostraram significantes na religiosidade dos europeus.

Voas (2003) propôs um modelo que buscava explicar as taxas de desfiliação em lugares onde a secularização se encontra avançada, como a Inglaterra. Utilizando conceitos da demografia para entender o secularismo, a desfiliação religiosa foi comparada à *mortalidade* e a iniciação de crianças à *fertilidade*. Voas concluiu que casamentos heterogâmicos (em que os cônjuges têm religiões diferentes) tendem a ser *religiosamente inférteis*.

De fato, o casamento homogâmico (cônjuges tem a mesma religião) aparece na literatura associado a menores chances de apostasia. Brañas-Garza, García-Muñoz e Neuman

² Essa ideia varia entre as religiões, pois depende não apenas da crença na vida após a morte, mas de como seria essa existência eterna e do que fazer para alcançá-la, como bem observado por Barro e McCleary (2006).

(2008) empregaram os dados da *International Social Survey Program* (ISSP) de 1998, com uma amostra de 31 países, e estimaram os determinantes da desfiliação religiosa. O fato de ser casado com alguém da mesma religião esteve associado a menor probabilidade de abandono.

No Brasil, os estudos sobre religião³ focam a metamorfose que o país vem sofrendo nos últimos anos, e enfatizam o aumento no número de evangélicos como principal resultado desta mudança. Entretanto, alguns estudos reconhecem que o crescimento dos evangélicos e o conseqüente pluralismo que ele provoca podem, na verdade, ser sinais de secularização.

Segundo Fonseca (2000), esse reavivamento religioso que o país experimenta contribui para que os indivíduos se desliguem da cultura tradicional católica, e isso promove o crescimento dos sem religião, pois as pessoas se abrem à possibilidade de romper com a tradição. Neste mesmo estudo, foi observado, a partir de dados do Censo 1991, que os estados brasileiros de Rondônia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Goiás e Rio Grande do Sul, onde havia mais evangélicos, contavam igualmente com maior presença dos sem religião.

Utilizando dados do Censo 2000 e da Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) de 2003 para entender o fluxo religioso no Brasil, Neri (2007) concluiu que os mais pobres na zona rural permanecem católicos, enquanto que nas periferias urbanas há intensa migração em direção aos segmentos evangélicos e sem religião.

Moreira-Almeida *et al.* (2010) consideraram como medidas de envolvimento religioso a filiação, a frequência a igreja e a importância da religião. Em particular, quanto aos atributos demográficos, os resultados do Brasil se mostraram alinhados com os dos demais países, principalmente os Estados Unidos, onde se verifica que as mulheres e os idosos estão mais envolvidos com a religião.

Ao aplicarem o modelo A-E para os dados da Pesquisa Social Brasileira (PESB) de 2004, Oliveira, Cortes e Neto (2013) encontraram associações entre a frequência religiosa e as características demográficas (sexo e idade) e socioeconômicas (renda). Conforme os resultados, as mulheres frequentam mais a igreja; a participação religiosa aumenta com a idade; e maiores níveis de renda estão negativamente relacionados a frequentar a igreja.

Coutinho e Golgher (2014) analisaram os possíveis efeitos da idade, período e coorte para explicar a metamorfose religiosa do Brasil, a partir do modelo hierárquico de idade-período-coorte e modelos de efeitos aleatórios com classificação-cruzada para dados dos últimos quatro Censos Brasileiros. Os efeitos da idade foram substanciais para a categoria

³ Almeida e Montero (2001); Anuatti-Neto e Narita (2004); Alves, Barros e Cavenaghi (2012); Rosas e Muniz (2014).

sem religião. Ainda, foi encontrada relação positiva entre educação pós-secundária⁴ e não possuir filiação religiosa.

O diferencial do presente trabalho é considerar a secularização como força motriz da mudança no panorama religioso brasileiro das últimas décadas. O alicerce é o modelo A-E, e busca-se controlar a ausência de religião e/ou de religiosidade por características demográficas, culturais, regionais e socioeconômicas. Assim, espera-se contribuir para o debate em Economia da Religião, provendo base teórica e empírica para o entendimento de um dos temas mais relevantes⁵ e menos explorados (ao menos com abordagem econômica) no Brasil.

⁴ Qualificação a mais após o ensino médio; não necessariamente corresponde ao ensino superior.

⁵ A religião já se mostrou associada a diversos fatores de importância econômica, como fertilidade, comportamento de risco, criminalidade e doações de caridade (HUNGERMAN, 2011).

3 DADOS

3.1 Fonte dos dados

Para a análise empírica foram utilizados os dados da Pesquisa sobre Religião no Brasil, realizada pelo Datafolha entre os dias 19 e 20 de março de 2007 (o mesmo ano da visita do Papa Ratzinger ao Brasil). Para a coleta de informações, o Datafolha utilizou uma amostra aleatória estratificada por quotas com base no sexo e idade e sorteio aleatório dos indivíduos. O conjunto da população brasileira com dezesseis anos ou mais constitui o universo da pesquisa, que foi dividido em quatro subuniversos, que representam as regiões Nordeste, Sudeste, Sul e Norte/Centro-Oeste.

Em cada subuniverso, os municípios foram sorteados aleatoriamente, com probabilidade proporcional ao tamanho. Desta forma, a pesquisa fornece resultados para o Brasil, para as quatro sub-regiões e para os municípios que podem ser generalizados dentro de certos limites estatísticos.

Durante o levantamento, foram entrevistadas 5.700 pessoas em 236 municípios de praticamente todos os estados brasileiros, com exceção de Roraima e Amapá. A pesquisa contempla uma gama de questões ainda pouco exploradas sobre religião no Brasil, além de permitir o controle por atributos socioeconômicos, geográficos, demográficos e culturais.

3.2 Tratamento e análise descritiva dos dados

Optou-se por testar a hipótese de secularização mensurando três manifestações distintas – desfiliação, descrença e ausência de prática religiosa. A desfiliação é o ato de abandonar a religião, então considerou-se os indivíduos que tinham uma religião antes e no momento da pesquisa relataram não ter nenhuma religião. Para construir esta variável, era primeiro necessário definir as variáveis de aderência religiosa. A PRB reporta a religião atual e anterior⁶ dos entrevistados, permitindo assim analisar o movimento de desfiliação.

Embora o questionário da PRB considerasse dez opções religiosas, o presente trabalho reagrupou as religiões em oito categorias, a saber: Evangélica Pentecostal, Evangélica não

⁶ A utilização da nomenclatura “religião anterior” nos leva a pensar que esta não necessariamente é a religião na qual o indivíduo foi criado. Isto é importante já que o presente estudo concentra a análise no grupo dos sem religião, e alguns de seus integrantes tem vasta andança religiosa (SANTOS, 2007). Além disso, o *background* religioso da infância é mais relevante para entender o comportamento religioso atual (BRÑAS-GARZA; GARCÍA-MUÑOZ; NEUMAN, 2008). Neste quesito, a PRB difere da Pesquisa Nacional de Saúde e Demografia da Criança e da Mulher (PNDS), que adota o termo “religião em que foi criada”.

pentecostal, Religiões afro (umbanda, candomblé), Espírita, Católica, Judeus, Outras (Mórmons, Testemunhas de Jeová, Shei-No-Le etc.), e Nenhuma (incluindo ateus). Este arranjo deveu-se à representatividade de cada uma destes grupos no Brasil.

A Tabela 1 abaixo apresenta as distribuições das religiões atual e anterior. Em relação à religião atual⁷, verifica-se que o número de pessoas sem religião é de 8,56%, valor similar ao encontrado no Censo Brasileiro de 2010. Judeus e Outras religiões somam 2,8% da população. Percebe-se ainda que 82,7% dos brasileiros pertencem às religiões católica e evangélica.

Tabela 1: Religião atual e anterior dos entrevistados

Categoria	Religião Atual		Religião Anterior	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Evangélica Pentecostal	1.049	18,40	668	11,84
Evangélica não Pentecostal	303	5,32	222	3,93
Religiões Afro-brasileiras	98	1,72	91	1,61
Espírita	238	4,18	141	2,50
Católica	3.362	58,98	4.040	71,58
Judeus	11	0,19	10	0,18
Outras	151	2,65	105	1,86
Nenhuma	488	8,56	367	6,50
Total	5.700	100,00	5.644	100,00

Fonte: Elaborado pela autora a partir das respostas da PRB (2007).

O número reduzido de membros das religiões afro-brasileira e espírita – cerca de 6% da amostra - se deve, possivelmente, ao fato de que a maioria das pessoas que participam destas religiões possui dupla identidade religiosa; uma pública – a católica, e outra privada – espiritismo, umbanda, candomblé (ALMEIDA; MONTERO, 2001).

Analisando os números da religião anterior, observa-se que 72% dos entrevistados seguiam o catolicismo, enquanto que 15% seguiam a religião evangélica, Pentecostal ou Não Pentecostal, e 6,5% não tinham religião. Cabe destacar que os percentuais da religião anterior são semelhantes aos do Censo 2000. A partir dessa análise entre a religião atual e a anterior, confirma-se o movimento de transição religiosa no país.

A análise da descrença religiosa da sociedade brasileira foi feita a partir das variáveis criadas pela resposta às seguintes perguntas, às quais foram atribuídas valor 1 para quem tem dúvidas ou não acredita, e 0 para quem acredita:

- i. Acredita que Deus existe?
- ii. Acredita que, após a morte, algumas pessoas vão para o céu?

⁷ Vale lembrar que “atual” refere-se ao ano da pesquisa (2007).

iii. Acredita que, após a morte, algumas pessoas vão para o inferno?

Por fim, as variáveis que aferem a ausência de prática religiosa possuem caráter ordinal e contemplam duas vertentes: a frequência à igreja, ou a cultos ou a serviços religiosos, e a frequência com que costuma rezar ou fazer orações. Note pela Tabela 2 que a religiosidade privada dos brasileiros é bastante elevada, pois 71,5% afirmaram rezar ou orar diariamente. Ainda, 12,6% oram quase todos os dias, e 7% oram pelo menos uma vez por semana. Apenas 1,1% rezam ou oram uma vez a cada quinze dias, e 1,3% rezam ou oram uma vez por mês. Os que rezam ou oram menos de uma vez por mês somam 0,72%, e os que não costumam rezar ou orar 5,7%.

Tabela 2: Frequência com que costuma ir à igreja e rezar/orar

Frequência à igreja	Quantidade	%	Frequência da reza/oração	Quantidade	%
Mais de uma vez por semana	1.524	26,78	Diariamente	4.065	71,49
Uma vez por semana	1.663	29,23	Quase todos os dias	720	12,66
Uma vez a cada quinze dias	485	8,52	Pelo menos uma vez por semana	397	6,98
Uma vez por mês	753	13,23	Uma vez a cada quinze dias	63	1,11
Uma vez a cada seis meses	305	5,36	Uma vez por mês	76	1,34
Uma vez por ano	239	4,20	Menos de uma vez por mês	41	0,72
Menos de uma vez por ano	138	2,43	Não costuma rezar ou orar	324	5,70
Não costuma ir à igreja	583	1,25			
Total	5.690	100	Total	5.686	100

Fonte: Elaborado pela autora a partir das respostas da PRB (2007).

Quanto a frequentar a igreja, os números são mais modestos, embora ainda elevados. Os que frequentam a igreja mais de uma vez por semana totalizam 26,8% dos entrevistados, enquanto que a maioria, 29,2%, possui assiduidade semanal. Os que frequentam uma vez a cada quinze dias e uma vez por mês constituem 8,5% e 13,2%, respectivamente. Os que frequentam uma vez a cada seis meses chegam a 5,3% da amostra, e 4,2% vão à igreja, ou a cultos ou a serviços religiosos uma vez por ano. Finalmente, os que frequentam menos de uma vez por ano e os que não costumam ir correspondem a 2,4% e 1,25% dos entrevistados.

De conformidade com as hipóteses já levantadas na literatura, as variáveis de controle incluem gênero, idade, estado civil (se é casado ou não), o fato de já ter casado com alguém de religião diferente, nível de instrução formal, renda familiar e filiação religiosa (atual e anterior) dos entrevistados. Optou-se, ainda, por considerar o fato de estudar ou ter estudado em instituição religiosa como *proxy* para contato com a religião na infância ou adolescência. O Quadro 1 em apêndice traz a descrição das variáveis.

Antes, porém, de prosseguir com a análise descritiva, algumas variáveis carecem de uma justificativa mais detalhada. Primeiramente, é necessário alertar quanto à limitação da variável *Casou com alguém de religião diferente*. No questionário da PRB, a pergunta feita é a seguinte: “Você já namorou ou casou com alguém de religião diferente da sua?”.

Para o presente trabalho, as respostas foram agrupadas em 1 – casou com alguém de outra religião, e 0 – nunca namorou nem casou com alguém de outra religião/namorou com alguém de outra religião, mas não casou. Pelo formato da pergunta, não é possível saber quantas vezes o entrevistado foi casado, e se o cônjuge atual é quem tem religião diferente, ou se era o ex-cônjuge. Admitiu-se que o efeito da convivência com alguém de outra religião deva se manter, mesmo após o divórcio.

De acordo com Azzi e Ehrenberg (1975), trabalhar fora implica em custo de oportunidade para o envolvimento religioso. Sendo assim, foi incluída uma variável para captar o efeito de pertencer a população economicamente ativa (PEA), para mensurar não apenas o efeito de trabalhar fora, mas também o de procurar emprego, supondo que esta atividade também demanda tempo que poderia ser gasto com assuntos religiosos.

Segundo Iannaccone (1998), ter uma visão liberal sobre questões morais pode fazer com que as pessoas se sintam desconfortáveis em igrejas tradicionais, levando-as a abandonar a religião. Para capturar este efeito, foi criado um índice que pudesse analisar a opinião dos brasileiros com respeito:

- i. Ao aborto (permitir aborto em mais casos, ou em qualquer situação);
- ii. À legalização da união homossexual;
- iii. À adoção de crianças por casais homossexuais;
- iv. Ao divórcio;
- v. Ao uso de camisinha⁸;
- vi. À eutanásia;
- vii. À pena de morte no Brasil.

Para quem respondeu ser a favor, atribui-se valor igual a 1, enquanto aqueles que afirmaram ser contra foram considerados com valor 0. Em seguida, optou-se por somar as respostas para construção do índice⁹ de visão secular (ou liberal). Observa-se pela Tabela 3 que a sociedade brasileira se mostrou pouco conservadora em relação a quatro das sete questões. Quase 95% dos entrevistados declarou ser favorável ao uso da camisinha, 72,2% são a favor do divórcio, e 70,6% são a favor de modificar a lei do aborto para que este seja permitido em mais situações ou em qualquer caso.

⁸ Talvez ser a favor do divórcio e do uso da camisinha possa não ser considerado tão “liberal”. Entretanto, convém lembrar que a religião católica (a mais tradicional no Brasil) é abertamente contra o uso de contraceptivos, e que as religiões, geralmente, desencorajam seus fiéis a se divorciarem, pois o casamento é tido como instituição sagrada e indissolúvel.

⁹ O índice criado a partir da análise de componentes principais proveu resultados semelhantes ao índice construído pela soma simples.

Tabela 3: Distribuição das variáveis que compõe o índice de visão secular no Brasil

Variáveis	Contra		A favor		Total
	Quantidade	%	Quantidade	%	
Divórcio	1.562	27,74	4.068	72,26	5.630
Uso de camisinha	297	5,25	5.362	94,75	5.659
Legalização da união entre pessoas do mesmo sexo	3.136	56,10	2.454	43,90	5.590
Adoção de crianças por casais homossexuais	3.092	55,33	2.496	44,67	5.588
Modificar Lei do aborto	1.610	29,37	3.872	70,63	5.482
Eutanásia	3.335	61,50	2.088	38,50	5.423
Pena de morte	2.474	44,70	3.061	55,30	5.535

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da PRB (2007).

As opiniões são mais acirradas quando os assuntos são homossexualismo e pena de morte. Em relação ao homossexualismo, a tendência é conservadora. Para 56% dos entrevistados, a união de casais homossexuais não deveria ser legalizada. Quanto à adoção de crianças por estes, 55,3% se disseram contrários. Em relação à pena de morte, a população brasileira se revelou mais liberal, uma vez que 55,3% declarou ser a favor desta punição no Brasil. Já com respeito à eutanásia, os brasileiros são conservadores, dado que 61,5% dos entrevistados afirmaram ser contrário a essa prática.

A Tabela 4 traz uma síntese da base de dados. Note que 5,37% correspondem aos desfiliaados, isto é, àqueles que tinham religião e atualmente não possuem mais. O número dos que não acreditam em Deus ou em uma Força Superior é de 3,15%, enquanto que os que não acreditam que algumas pessoas vão para o céu ou inferno após a morte são 37,37% e 44,38%, respectivamente.

Em relação aos atributos demográficos, observe que 47,96% dos entrevistados são homens, e que adolescentes e adultos até 34 anos totalizam quase metade da amostra. As faixas etárias correspondentes às idades 3, 4 e 5 constituem 20%, 18,9% e 12,9%, nesta ordem. Praticamente 46,6% dos entrevistados são casados ou vivem de maneira conjugal, e 8,5% já casou com alguém de religião diferente.

A renda familiar de 42,33% dos entrevistados era de até dois salários mínimos, enquanto que 38,4% tinham renda entre dois e cinco salários mínimos. Aqueles cuja renda familiar somava entre cinco e dez salários correspondem a 17,35%, e acima de dez salários apenas 1,9%. Quase 69% dos entrevistados estavam trabalhando ou procurando emprego, ou seja, pertencem à população economicamente ativa. Note que 3,6% dos entrevistados são analfabetos, 42,25% tem ensino fundamental completo ou incompleto, e 40,9% estavam cursando ou haviam terminado o ensino médio. No entanto, somente 13,14% estavam pelo menos cursando o ensino superior.

Referente aos aspectos culturais, 18,13% estudam ou estudaram em instituição religiosa. Em relação às questões sociais, a média foi de 4,24, numa escala que vai de 0 a 7, indicando uma leve inclinação para o lado liberal.

Especificamente no caso brasileiro, existem evidências de que é necessário controlar a demanda religiosa por macrorregiões. A PRB entrevistou pessoas nas regiões Sul, Nordeste e Sudeste, e agregou Norte/Centro-Oeste. Em termos percentuais, verifica-se que 6,84% residem na região Sul, 12,15% no Nordeste, 74,36% no Sudeste e 6,63% nas regiões Norte e Centro-Oeste. A pesquisa ainda contempla a informação referente ao município do entrevistado, quanto à localização ser na região metropolitana, na capital ou no interior. Assim, optou-se por agrupar capital e região metropolitana para comparar com interior, que assumem os valores 1 e 0, respectivamente. Note que 58,36% dos entrevistados residem na capital ou região metropolitana.

Tabela 4: Estatísticas Descritivas das Variáveis

Variáveis	Obs	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo
Desfiliaados	5.280	0,0537	0,2256	0	1
Não frequenta	5.690	3,1469	2,2399	1	8
Não reza	5.686	1,7309	1,5548	1	7
Não crê em Deus ou numa Força Superior	5.682	0,0315	0,1746	0	1
Não crê que algumas pessoas vão para o céu	5.683	0,3737	0,4838	0	1
Não crê que algumas pessoas vão para o inferno	5.682	0,4438	0,4968	0	1
Sexo	5.700	0,4796	0,4996	0	1
Idade1	5.700	0,2514	0,4338	0	1
Idade2	5.700	0,2289	0,4201	0	1
Idade3	5.700	0,2005	0,4004	0	1
Idade4	5.700	0,1894	0,3919	0	1
Idade5	5.700	0,1296	0,3359	0	1
Casado	5.631	0,4667	0,4989	0	1
Casou com alguém de religião diferente	5.678	0,0855	0,2797	0	1
Renda1	5.450	0,4233	0,4941	0	1
Renda2	5.450	0,3840	0,4864	0	1
Renda3	5.450	0,1735	0,3787	0	1
Renda4	5.450	0,0190	0,1368	0	1
Escolar1	5.684	0,0369	0,1886	0	1
Escolar2	5.684	0,4225	0,4940	0	1
Escolar3	5.684	0,4090	0,4917	0	1
Escolar4	5.684	0,1314	0,3378	0	1
PEA	5.697	0,6891	0,4628	0	1
Religião evangélica pentecostal	5.700	0,1840	0,3875	0	1
Religião evangélica não pentecostal	5.700	0,0531	0,2243	0	1
Religião católica	5.700	0,5898	0,4919	0	1
Sem religião	5.700	0,0856	0,2798	0	1
Religião anterior evangélica pentecostal	5.644	0,1183	0,3230	0	1
Religião anterior evangélica não pentecostal	5.644	0,0393	0,1944	0	1
Religião anterior evangélica não pentecostal	5.644	0,7158	0,4510	0	1
Sem religião anteriormente	5.644	0,0650	0,2465	0	1
Estudou em instituição religiosa	5.620	0,1813	0,3853	0	1
Índice visão secular/liberal	5.009	4,2459	1,4983	0	7
Região Metropolitana/Capital	5.700	0,5836	0,4929	0	1
Sul	5.700	0,0684	0,2524	0	1
Nordeste	5.700	0,1215	0,3268	0	1
Sudeste	5.700	0,7436	0,4366	0	1
Norte/Centro-Oeste	5.700	0,0663	0,2488	0	1

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações da PRB (2007).

4 MODELO ECONOMÉTRICO E ESTRATÉGIAS DE ESTIMAÇÃO

Para analisar se a população brasileira apresenta comportamento secular a partir do abandono da religião, da descrença e da ausência de prática religiosa, utiliza-se o arcabouço de modelos de escolha discreta. Segundo Ben-Akiva e Lerman (1985), esses modelos enunciam que a probabilidade de um indivíduo fazer certa escolha depende de suas características socioeconômicas. Cabe ainda destacar que a escolha pela secularização também pode ser influenciada por características demográficas, geográficas e culturais dos indivíduos.

Para modelar a escolha, deve-se considerar a opção do indivíduo i em relação às j alternativas possíveis. Além disso, cabe salientar que as escolhas são mutuamente excludentes e exaustivas. Ou seja, a escolha de uma alternativa exclui a possibilidade de outra, e uma das alternativas deve ser escolhida.

Como a desfiliação considera apenas dois tipos de indivíduos, isto é, os que possuem filiação religiosa atualmente e os que não possuem¹⁰, pode ser utilizado um modelo de escolha binária, que assume valor igual a 1 caso o indivíduo declare que já teve uma religião e atualmente não tem nenhuma religião (desfiliaados), e valor 0 para os indivíduos que relataram que tinham e ainda tem alguma religião.

No caso da descrença, são considerados três modelos, a partir da crença/descrência na existência de Deus ou Força Superior, e que após a morte, algumas pessoas vão para o céu ou inferno. Ressaltando que no caso de resposta afirmativa – isto é, que acredita – o valor assumido é 0, ao passo que os que não acreditam ou tem dúvida quanto à existência de Deus e de que, após a morte, algumas pessoas vão para o céu ou inferno assume valor 1.

Diante disso, tanto no caso da desfiliação quanto da descrença, utiliza-se o Modelo Probit, que assume que a distribuição do termo de erro segue uma distribuição normal, e possui como função de distribuição acumulada,

$$G(z) = \int_{-\infty}^z \phi(z) dz = \Phi(z) \quad (1)$$

Enquanto que sua função de distribuição de probabilidade é descrita por:

$$g(z) = \sqrt{2\pi} \cdot e^{-z^2/2} = \phi(z) \quad (2)$$

No caso de não frequentar igreja, cultos ou serviços religiosos, as alternativas de frequência representam resultados qualitativos por expressar o fato de ir ou não à igreja,

¹⁰ Note que os indivíduos que nunca tiveram uma religião, bem como aqueles que não tinham religião antes e atualmente estão filiados a alguma religião foram excluídos desta análise.

ordenados com base em um *ranking* construído a partir da frequência em ordem decrescente. A ausência de costume de rezar ou de fazer orações também é aferida a partir de uma variável qualitativa que expressa um *ranking* ordenado. Sendo assim, para estimar a ausência de prática religiosa utiliza-se o modelo Probit Ordenado.

Neste caso, como y é uma escolha ordenada a partir das respostas fornecidas pelos entrevistados e assume os valores 1, 2, ..., 7 no caso da ausência de costume de rezar ou fazer orações, e 1, 2, ..., 8 para a costume de não ir à igreja, ou a culto ou a serviços religiosos, o modelo a ser estimado apresenta a seguinte especificação:

$$\text{Prob}(y = J | x) = \text{Prob}(y^* > \alpha_j | x) = 1 - \Phi(\alpha_{j-1} - x\beta) \quad (3)$$

Onde α denota a frequência de ir à igreja e o costume de orar ou rezar, ao passo que J representa cada uma das opções de frequência dos indivíduos; x é um vetor com as características socioeconômicas, demográficas, geográficas e culturais, e β são os parâmetros a serem estimados. Cabe destacar que a análise e discussão dos resultados para os modelos de secularização e descrença religiosa, estimados pelo modelo Probit, e para os modelos de ausência de prática religiosa, estimado por meio do Probit Ordenado, será a partir dos efeitos marginais.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados estão apresentados nas Tabelas 5, 6 e 7. Primeiramente, são analisados e discutidos os resultados dos modelos de desfiliação e de descrença religiosa, e, em seguida, os resultados para ausência de prática religiosa.

No modelo de desfiliação, note que, em relação aos atributos demográficos, apenas o gênero se mostrou significativo, sendo que o fato de ser homem aumenta as chances de abandonar a religião em 2,13 pontos percentuais (p.p.). Coutinho e Golgher (2014) também encontraram associação entre gênero masculino e não ter religião. Entretanto, esses autores não fizeram distinção entre desfiliaados e pessoas que nunca tiveram religião.

Em relação ao nível de renda, as variáveis Renda 1 e 2, correspondentes às faixas de renda familiar até dois salários (até R\$ 700,00) e entre dois e cinco salários mínimos (R\$ 701,00 a R\$ 1.750,00), diminuem as chances de abandonar a religião em 3,38 p.p. e 3,25 p.p., respectivamente. Já com respeito ao nível de instrução formal, observa-se que ter ensino fundamental completo ou incompleto diminui em 1,93 p.p. a probabilidade de desfiliação. Pertencer à PEA não teve efeito significativo sobre a desfiliação.

Com respeito aos fatores geográficos, note que o fato de residir na região Nordeste diminui as chances de abandonar a religião em 2,41 p.p., enquanto que o efeito para as demais regiões não se mostrou significativo. O efeito de residir na capital/região metropolitana ou interior também não foi significativo. No entanto, esperava-se verificar o efeito comumente mencionado na literatura para urbanização, já que áreas metropolitanas normalmente são mais urbanizadas que áreas interioranas. Talvez seja por não fornecer uma medida precisa para urbanização que o resultado não apresente relação com abandono da religião.

Quanto aos aspectos culturais, verifica-se que o fato de estudar ou ter estudado em instituição religiosa não teve efeito significativo sobre a secularização. Perceba também que ter uma visão liberal em questões morais aumenta a probabilidade de apostasia em 1,01 p.p., confirmando a hipótese inicial de que essas pessoas preferem sair da igreja a permanecer em confronto com as ideias religiosas. Brañas-Garza, García-Muñoz e Neuman (2008) consideraram a opinião dos entrevistados sobre relações extraconjugais e homossexuais como indicadores de visão liberal, e encontraram relação positiva entre desfiliação e visão secular.

O fato de ter sido católico diminui as chances de apostasia em 2,67 p.p., e ter sido evangélico pentecostal aumenta as chances em 5,72 p.p. No caso de ter sido evangélico de igreja não pentecostal, não há relação com a desfiliação.

Observa-se, então, que, de modo geral, para o modelo de desfiliação, os sinais estão dentro do esperado: ser homem e ter visão secular/liberal aumentam as chances de abandonar a religião; menores níveis de renda diminuem as chances. No entanto, nada se pode afirmar sobre aqueles que possuem uma condição socioeconômica privilegiada.

Para os modelos de descrença, (2) a (4), observa-se que o fato de ser homem aumenta as chances de não acreditar em Deus ou em uma Força Superior em 1,58 p.p., e diminui as chances de não acreditar que algumas pessoas vão para o inferno após a morte em 4,6 p.p.

Todas as faixas etárias são significantes para os modelos de descrença em céu e inferno; mas é intrigante que a propensão à descrença nestes dogmas aumente com a idade, ao invés de diminuir. Note que na faixa etária de 25 e 34 anos as chances de não acreditar que as pessoas vão para o céu aumenta em 7,76 p.p.; na faixa de 35 e 44 anos, o aumento é de 8,65 p.p.; para as pessoas que tem entre 45 e 59 anos, as chances são 14,16 p.p., e ter 60 anos ou mais, aumenta em 16,3 p.p. ao comparar com as pessoas na faixa etária entre 16 e 24 anos.

Ainda, verifique que ter entre 25 e 34 anos aumenta a probabilidade de não acreditar que algumas pessoas vão para o inferno após a morte em 7,76 p.p., enquanto que ter entre 35 e 44 anos aumenta as chances em 8,94 p.p. O efeito também é positivo para as faixas etárias mensuradas por Idade 4 e 5, e corresponde à 12,42 p.p. e 14,29 p.p., nesta ordem.

Ser casado tem impacto negativo sobre a descrença, sendo que o efeito é pequeno para o modelo (2) – apenas 0,68 p.p. O fato de ter casado com alguém de religião diferente não se mostrou significativa para nenhum modelo de descrença. Este resultado contradiz a hipótese de que a convivência com pessoas de religião diferente mina a fé pessoal.

Tabela 5: Efeitos Marginais dos Modelos de Secularização e Descrença, estimados a partir do Probit

Variáveis	Desfiliaados (1)	Não acredita em Deus/Força Superior (2)	Não acredita que as pessoas vão para o Céu (3)	Não acredita que as pessoas vão para o Inferno (4)
Sexo	0,0213 (3,54)	0,0158 (4,49)	-0,0258 (-1,69)	-0,0460 (-2,89)
Idade 2	0,0041 (0,49)	-0,0011 (-0,32)	0,0776 (3,35)	0,0776 (3,32)
Idade 3	-0,0031 (-0,35)	-0,0060 (-1,75)	0,0865 (3,44)	0,0894 (3,55)
Idade 4	-0,0109 (-1,27)	0,0001 (0,03)	0,1416 (5,40)	0,1242 (4,79)
Idade 5	-0,0156 (-1,61)	-0,0008 (-0,16)	0,1630 (5,14)	0,1429 (4,60)
Casado	-0,0103 (-1,59)	-0,0068 (-2,27)	-0,0228 (-1,42)	-0,0303 (-1,81)
Casou com alguém de religião diferente	-0,0011 (-0,11)	-0,0028 (-0,70)	0,0119 (0,45)	0,0337 (1,20)
Renda 1	-0,0338 (-2,21)	-0,0132 (-2,08)	-0,1461 (-2,85)	-0,1188 (-2,20)

Renda 2	-0,0325 (-2,22)	-0,0061 (-1,00)	-0,1265 (-2,50)	-0,0870 (-1,63)
Renda 3	-0,0151 (-1,16)	-0,0011 (-0,19)	-0,0800 (-1,61)	-0,0328 (-0,61)
Analfabeto	-0,0134 (-0,81)	-	-0,0834 (-1,68)	-0,0385 (-0,69)
Ensino Fundamental	-0,0193 (-2,12)	-0,0125 (-2,98)	-0,0604 (-2,31)	-0,0935 (-3,44)
Ensino Médio	-0,0131 (-1,60)	-0,0097 (-2,79)	-0,0093 (-0,38)	-0,0533 (-2,10)
PEA	-0,0029 (-0,40)	-0,0101 (-2,18)	0,0315 (1,72)	0,0183 (0,96)
Município	0,0114 (1,93)	0,0105 (3,27)	0,0376 (2,38)	0,0284 (1,73)
Sul	-0,0133 (-1,17)	0,0223 (1,49)	0,0425 (1,04)	0,1057 (2,51)
Nordeste	-0,0241 (-2,80)	0,0018 (0,25)	-0,0133 (-0,38)	0,0660 (1,77)
Sudeste	-0,0135 (-1,14)	-0,0038 (-0,59)	-0,0093 (-0,31)	0,0749 (2,46)
Índice visão secular/liberal	0,0101 (5,39)	0,0025 (2,55)	0,0292 (5,66)	0,0141 (2,65)
Estudo em instituição religiosa	-0,0045 (-0,63)	0,0058 (1,36)	-0,0098 (-0,50)	0,0123 (0,60)
Religião anterior católica	-0,0267 (-1,98)	0,0040 (0,79)	-0,0250 (-0,68)	-0,0579 (-1,48)
Religião anterior evangélica pentecostal	0,0572 (2,74)	-0,0026 (-0,35)	-0,0406 (-0,96)	-0,0907 (-2,05)
Religião anterior evangélica não pentecostal	0,0256 (1,21)	0,0200 (1,13)	-0,0136 (-0,24)	-0,1095 (-1,98)
Sem religião anteriormente	-	0,0390 (2,00)	0,0517 (1,11)	0,0005 (0,01)
Religião atual católica	-	-0,0103 (-1,85)	-0,1588 (-5,04)	-0,1646 (-4,98)
Religião atual evangélica pentecostal	-	-0,0151 (-4,73)	-0,2976 (-12,48)	-0,3694 (-14,71)
Religião atual evangélica não pentecostal	-	-0,0122 (-4,92)	-0,2712 (-10,32)	-0,3045 (-9,65)
Sem religião atualmente	-	0,0270 (2,10)	0,0403 (1,00)	-0,0111 (-0,27)

Fonte: Elaborado pela autora. Estatística z entre parênteses.

Referente aos atributos socioeconômicos, note que os menores níveis de renda familiar estão associados a uma menor probabilidade de descrença. E o fato de pertencer à população economicamente ativa diminui as chances de não acreditar em Deus ou em uma Força Superior em 1,01 p.p. Halman e Draulans (2006) encontraram relação negativa entre trabalhar fora e maiores níveis de religiosidade (crença, importância da religião e identidade religiosa).

Com respeito à escolaridade, note que no modelo (2), a variável referente às pessoas que não tem instrução formal, Analfabetos, foi omitida por prever a probabilidade de erro perfeitamente. Para os modelos (3) e (4), esta variável não se mostrou significativa.

Verifica-se que o efeito de ter ensino fundamental – completo ou incompleto – diminui as chances de descrença *vis-à-vis* ter pelo menos o ensino superior incompleto. Em

relação àqueles que têm ensino médio completo ou incompleto, o efeito é pequeno para o modelo (2), diminuindo as chances de não acreditar em Deus/Força Superior em 0,9 p.p.

Já para o modelo (4), o fato de ter ensino médio diminui a probabilidade de não acreditar que algumas pessoas vão para o inferno em 5,33 p.p. Uma justificativa para estes resultados é que a religião, assim como o conhecimento científico, requer certa abstração. E, conforme Barro e McCleary (2003), aqueles que estudam mais estariam mais aptos a acompanhar o raciocínio da fé.

Residir na capital ou na região metropolitana aumenta as chances de não acreditar em Deus/Força Superior em 1,01 p.p., e de não acreditar que algumas pessoas vão para o céu em 3,76 p.p. Com respeito às macrorregiões, nota-se que residir na região Sul aumenta a probabilidade de não acreditar que algumas pessoas vão para o inferno em 10,57 p.p. Para a região Sudeste o efeito também é positivo, de 7,49 p.p.

O índice de visão secular teve maior efeito para o modelo (3), aumentando as chances de não acreditar que algumas pessoas vão para o céu em 2,92 p.p. O fato de ter estudado em instituição religiosa não se mostrou significativo nos modelos de descrença.

O fato de ter sido Católico não teve efeito sobre a descrença. Por outro lado, ter sido evangélico, pentecostal ou não, diminui as chances de não acreditar que algumas pessoas vão para o inferno. Não ter tido religião aumenta a probabilidade de não acreditar em Deus ou em uma Força Superior em 3,9 p.p.

Quanto à filiação atual, ser Católico ou Evangélico diminui as chances de descrença, sendo que o fato de ser Católico não se mostrou significativo sobre não acreditar em Deus/Força Superior. Não ter religião atualmente aumenta as chances de não acreditar em Deus/Força Superior em 2,7 p.p.

Verifica-se que a magnitude é maior para Evangélicos Pentecostais e Não Pentecostais do que para os Católicos. É possível que isto seja decorrente da profissão de fé, normalmente feita através do batismo, como forma de ratificar a crença. Católicos são batizados quando crianças; evangélicos o são, geralmente, a partir dos doze anos, pois a religião evangélica enfatiza a responsabilidade individual das pessoas diante de Deus.

Os modelos (5) e (6) referem-se à ausência de prática religiosa. Começando a análise pelo modelo de ausência de prática a partir da frequência à igreja, Tabela 6, note que o fato de ser homem tem impacto positivo em frequentar a igreja menos de uma vez por semana.

Em relação à idade, os resultados foram significantes apenas para quem tem 60 anos ou mais, o que aumenta as chances de frequentar a igreja pelo menos uma vez por semana.

Por outro lado, o estado civil não teve efeito significativo para este modelo, mesmo resultado aferido por Iannaccone (1998) ao estimar modelos tobit para frequência à igreja.

O fato de ter casado com alguém de outra religião afeta negativamente a frequência à igreja, diminuindo as chances de frequentar uma vez por semana em 1,92 p.p., e de frequentar mais de uma vez por semana em 4,36 p.p. Isto corrobora o achado de Williams e Lawler (2001), de que pessoas em casamentos heterogâmicos são menos religiosas.

Considerando o rendimento familiar, verifica-se que apenas a primeira faixa de renda (até R\$ 700,00) se mostrou significativa, exceto para a opção de frequentar a igreja uma vez a cada quinze dias. O efeito se mostrou positivo, aumentando a probabilidade de frequentar pelo menos uma vez por semana.

O efeito da escolaridade é significativo apenas para quem não tem instrução formal, aumentando as chances de frequentar uma vez a cada quinze dias em 0,42 p.p. Note também que o fato de trabalhar fora ou estar procurando emprego não tem relação com a frequência à igreja. O exercício empírico de Azzi e Ehrenberg (1975) também não encontrou relação entre ocupação e frequência à igreja.

Quanto aos aspectos geográficos, constata-se que residir na capital ou região metropolitana diminui a probabilidade de frequentar a igreja mais de uma vez por semana em 2,14 p.p. Em relação às macrorregiões, repare que a tendência é de não frequentar pelo menos uma vez por semana, resultado similar ao aferido por Irffi, Cruz e Carvalho (2014).

Ter uma visão secular afeta negativamente à frequência à igreja, e diminui a probabilidade de frequentar a igreja mais de uma vez por semana em 3,43 p.p., e de frequentar uma vez por semana em 1,21 p.p. Por outro lado, ela aumenta a chance de não costumar frequentar a igreja em 1,26 p.p. Já o fato de estudar ou ter estudado em instituição religiosa se mostrou positivamente associado a frequentar a igreja pelo menos uma vez por semana.

Observe que os efeitos para aqueles que tinham religião anteriormente (católicos, evangélicos pentecostais e não pentecostais) e para os que não tinham nenhuma religião antes tem efeito similar – diminuem a chance de frequentar pelo menos uma vez por semana.

Tabela 6: Efeitos marginais do primeiro modelo de ausência de prática religiosa, estimado a partir do Probit Ordenado

Variáveis	Frequência com que costuma ir à igreja, ou a cultos ou serviços religiosos (5)							
	Mais de uma vez por semana	Uma vez por semana	Uma vez a cada quinze dias	Uma vez por mês	Uma vez a cada seis meses	Uma vez por ano	Menos de uma vez por ano	Não costuma ir à igreja
Sexo	-0,0657 (-6,79)	-0,0234 (-6,32)	0,0070 (5,97)	0,0234 (6,52)	0,0136 (6,31)	0,0128 (6,21)	0,0076 (5,80)	0,0245 (6,47)
Idade 2	-0,0105 (-0,76)	-0,0038 (-0,74)	0,0011 (0,78)	0,0037 (0,76)	0,0022 (0,76)	0,0020 (0,75)	0,0012 (0,75)	0,0039 (0,75)
Idade 3	0,0109	0,0037	-0,0012	-0,0039	-0,0022	-0,0020	-0,0012	-0,0039

	(0,71)	(0,73)	(-0,69)	(-0,71)	(-0,71)	(-0,71)	(-0,72)	(-0,72)
Idade 4	0,0245	0,0078	-0,0028	-0,0087	-0,0049	-0,0046	-0,0027	-0,0085
	(1,48)	(1,64)	(-1,40)	(-1,48)	(-1,51)	(-1,52)	(-1,52)	(-1,57)
Idade 5	0,0538	0,0144	-0,0066	-0,0191	-0,0104	-0,0095	-0,0055	-0,0169
	(2,48)	(3,41)	(-2,22)	(-2,50)	(-2,62)	(-2,66)	(-2,67)	(-2,93)
Casado	0,0043	0,0015	-0,0004	-0,0015	-0,0009	-0,0008	-0,0005	-0,0016
	(0,42)	(0,42)	(-0,42)	(-0,42)	(-0,42)	(-0,42)	(-0,42)	(-0,42)
Casou com alguém de religião diferente	-0,0436	-0,0192	0,0039	0,0155	0,0095	0,0092	0,0056	0,0189
	(-2,80)	(-2,31)	(3,42)	(2,83)	(2,62)	(2,56)	(2,44)	(2,39)
Renda 1	0,0631	0,0205	-0,0071	-0,0225	-0,0128	-0,0119	-0,0070	-0,0222
	(1,98)	(2,16)	(-1,89)	(-1,99)	(-2,01)	(-2,03)	(-2,02)	(-2,07)
Renda 2	0,0425	0,0142	-0,0047	-0,0151	-0,0087	-0,0081	-0,0048	-0,0151
	(1,38)	(1,46)	(-1,33)	(-1,38)	(-1,39)	(-1,40)	(-1,40)	(-1,42)
Renda 3	0,0123	0,0041	-0,0013	-0,0044	-0,0025	-0,0023	-0,0014	-0,0044
	(0,40)	(0,42)	(-0,39)	(-0,40)	(-0,40)	(-0,41)	(-0,41)	(-0,41)
Analfabeto	-0,0518	-0,0247	0,0042	0,0183	0,0116	0,0113	0,0069	0,0239
	(-1,78)	(-1,38)	(2,76)	(1,83)	(1,65)	(1,57)	(1,52)	(1,42)
Ensino Fundamental	0,0072	0,0025	-0,0007	-0,0026	-0,0015	-0,0014	-0,0008	-0,0026
	(0,44)	(0,44)	(-0,43)	(-0,44)	(-0,44)	(-0,44)	(-0,44)	(-0,44)
Ensino Médio	0,0212	0,0073	-0,0023	-0,0076	-0,0044	-0,0041	-0,0024	-0,0077
	(1,39)	(1,41)	(-1,37)	(-1,38)	(-1,39)	(-1,39)	(-1,39)	(-1,41)
PEA	-0,0192	-0,0064	0,0021	0,0068	0,0039	0,0036	0,0021	0,0068
	(-1,58)	(-1,66)	(1,52)	(1,58)	(1,59)	(1,60)	(1,60)	(1,63)
Região Metropolitana/Capital	-0,0214	-0,0074	0,0023	0,0076	0,0044	0,0041	0,0024	0,0078
	(-2,12)	(-2,15)	(2,05)	(2,11)	(2,10)	(2,11)	(2,10)	(2,16)
Sul	-0,0985	-0,0575	0,0053	0,0334	0,0232	0,0236	0,0149	0,0554
	(-5,74)	(-3,88)	(5,63)	(6,32)	(4,94)	(4,58)	(4,12)	(3,81)
Nordeste	-0,0692	-0,0335	0,0055	0,0243	0,0155	0,0152	0,0094	0,0326
	(-3,75)	(-2,86)	(5,42)	(3,84)	(3,42)	(3,26)	(3,09)	(2,93)
Sudeste	-0,0557	-0,0165	0,0065	0,0198	0,0110	0,0101	0,0059	0,0185
	(-2,81)	(-3,38)	(2,58)	(2,82)	(2,91)	(2,96)	(2,91)	(3,06)
Índice visão secular/liberal	-0,0343	-0,0121	0,0037	0,0122	0,0071	0,0066	0,0039	0,0126
	(-10,10)	(-8,63)	(7,69)	(9,15)	(8,48)	(8,41)	(7,71)	(9,27)
Estudo em instituição religiosa	0,0331	0,0102	-0,0038	-0,0118	-0,0066	-0,0061	-0,0036	-0,0112
	(2,58)	(2,93)	(-2,37)	(-2,56)	(-2,63)	(-2,67)	(-2,68)	(-2,78)
Religião anterior católica	-0,0526	-0,0161	0,0061	0,0187	0,0105	0,0097	0,0057	0,0178
	(-1,90)	(-2,22)	(1,77)	(1,91)	(1,96)	(1,98)	(1,99)	(2,07)
Religião anterior evangélica pentecostal	-0,0728	-0,0358	0,0056	0,0255	0,0164	0,0161	0,0100	0,0348
	(-2,82)	(-2,14)	(4,70)	(2,93)	(2,57)	(2,44)	(2,34)	(2,19)
Religião anterior evangélica não pentecostal	-0,0866	-0,0490	0,0051	0,0297	0,0202	0,0204	0,0129	0,0470
	(-2,93)	(-2,01)	(6,44)	(3,24)	(2,60)	(2,39)	(2,24)	(2,02)
Sem religião anteriormente	-0,0921	-0,0521	0,0054	0,0315	0,0215	0,0217	0,0137	0,0502
	(-3,61)	(-2,48)	(6,43)	(4,00)	(3,19)	(2,93)	(2,73)	(2,48)
Religião atual católica	-0,0747	-0,0241	0,0084	0,0266	0,0151	0,0140	0,0083	0,0263
	(-3,28)	(-3,58)	(3,06)	(3,26)	(3,31)	(3,31)	(3,25)	(3,45)
Religião atual evangélica pentecostal	0,2748	0,0155	-0,0397	-0,0894	-0,0434	-0,0374	-0,0209	-0,0594
	(8,37)	(2,15)	(-7,04)	(-9,17)	(-9,38)	(-9,42)	(-8,38)	(-11,11)
Religião atual evangélica não pentecostal	0,2484	0,0007	-0,0377	-0,0798	-0,0371	-0,0312	-0,0171	-0,0461
	(5,65)	(0,07)	(-4,95)	(-6,51)	(-7,32)	(-7,72)	(-7,38)	(-9,87)
Sem religião atualmente	-0,2498	-0,3023	-0,0574	-0,0182	0,0342	0,0601	0,0527	0,4807
	(-33,21)	(-23,18)	(-8,91)	(-1,62)	(6,39)	(11,23)	(10,32)	(12,55)

Fonte: Elaborado pela autora. Estatística z entre parênteses.

Ao examinar os efeitos da religião atual, percebe-se uma mudança: o fato de ser evangélico (pentecostal ou não) aumenta a probabilidade de frequentar pelo menos uma vez por semana; ser católico e não ter religião diminui a probabilidade de frequentar pelo menos uma vez por semana, sendo que o impacto é maior para quem não tem religião. Em suma, evangélicos são mais assíduos que católicos, que são mais assíduos do que os sem religião.

Portanto, em relação à filiação religiosa, pode-se dizer que a religião atual tem maior poder explicativo do que a religião anterior. Em estudo sobre os determinantes da frequência à

igreja da mulher brasileira, Irffi, Cruz e Carvalho (2014) compararam os efeitos da religião em que foi criada com os da filiação atual, e encontraram resultado oposto, isto é, que a religião herdada dos pais tem maior impacto sobre o comportamento religioso atual. Uma possível explicação é que o efeito da conversão supera o efeito do capital religioso acumulado da religião anterior (IANNACCONE, 1998).

Com respeito à falta de costume de rezar ou orar, Tabela 7, note que o fato de ser homem diminui a probabilidade de orar todos os dias em 14,51 p.p. Note, também, que para todas as faixas etárias o efeito é positivo em relação a orar diariamente.

Ser casado não teve efeito para este modelo; contudo, não há contradição ao que foi formulado anteriormente, isto é, que o casamento liga as pessoas às tradições religiosas. Esse relacionamento com a religião promovido pela formação da família pode ser meramente simbólico, em termos de crença, sem refletir em compromisso prático com o sagrado. Por outro lado, o fato de ter casado com alguém de outra religião diminui as chances de rezar todos os dias em 4,89 p.p.

Verifica-se também que as variáveis referentes à renda familiar e ao fato de trabalhar fora ou estar procurando emprego não tiveram efeito significativo para este modelo. Já em relação ao nível de escolaridade, observa-se que ter pelo menos o ensino médio incompleto está positivamente associado a orar ou rezar diariamente. Parece, então, que pessoas menos instruídas frequentam mais a igreja, mas essa assiduidade não é acompanhada de prática religiosa individual, longe da igreja. Ou ainda, é possível que os que estudam mais tenham menos tempo de ir à igreja e, por isso, tentem compensar com mais orações.

O fato de residir na região metropolitana ou na capital diminui a probabilidade de rezar ou orar todos os dias em 4,59 p.p., e aumenta a chance de não costumar rezar ou orar em 1,07 p.p. Constata-se também que os que residem na região Sul oram ou rezam mais do que os que residem na região Norte/Nordeste.

Tabela 7: Efeitos marginais do segundo modelo de ausência de prática religiosa, estimado a partir do ProbitOrdenado

Variáveis	Frequência com que costuma rezar ou orar (6)						
	Diariamente	Quase todos os dias	Pelo menos uma vez por semana	Uma vez a cada quinze dias	Uma vez por mês	Menos de uma vez por mês	Não costuma rezar ou orar
Sexo	-0,1451 (-10,98)	0,0494 (10,14)	0,0392 (9,68)	0,0076 (6,32)	0,0091 (6,52)	0,0043 (4,88)	0,0353 (9,39)
Idade 2	0,0585 (3,36)	-0,0211 (-3,20)	-0,0159 (-3,30)	-0,0030 (-3,16)	-0,0035 (-3,17)	-0,0016 (-2,97)	-0,0131 (-3,46)
Idade 3	0,0884 (4,89)	-0,0328 (-4,53)	-0,0241 (-4,76)	-0,0045 (-4,16)	-0,0053 (-4,37)	-0,0024 (-3,79)	-0,0191 (-5,08)
Idade 4	0,1358 (7,61)	-0,0525 (-6,64)	-0,0369 (-7,16)	-0,0068 (-5,44)	-0,0079 (-6,02)	-0,0037 (-4,60)	-0,0278 (-7,91)

Idade 5	0,1782 (9,77)	-0,0735 (-8,00)	-0,0483 (-8,97)	-0,0086 (-6,10)	-0,0099 (-6,75)	-0,0046 (-4,99)	-0,0331 (-10,22)
Casado	-0,0024 (-0,17)	0,0008 (0,17)	0,0006 (0,17)	0,0001 (0,17)	0,0001 (0,17)	0,0000 (0,17)	0,0005 (0,17)
Casou com alguém de outra religião	-0,0489 (-1,98)	0,0159 (2,10)	0,0132 (1,99)	0,0026 (1,91)	0,0031 (1,88)	0,0014 (1,82)	0,0124 (1,83)
Renda 1	0,0344 (0,72)	-0,0120 (-0,72)	-0,0093 (-0,72)	-0,0018 (-0,72)	-0,0021 (-0,72)	-0,0010 (-0,72)	-0,0080 (-0,73)
Renda 2	0,0300 (0,64)	-0,0105 (-0,63)	-0,0081 (-0,64)	-0,0015 (-0,64)	-0,0018 (-0,64)	-0,0008 (-0,64)	-0,0070 (-0,64)
Renda 3	-0,0004 (-0,01)	0,0001 (0,01)	0,0001 (0,01)	0,0000 (0,01)	0,0000 (0,01)	0,0000 (0,01)	0,0001 (0,01)
Analfabeto	-0,0970 (-1,66)	0,0292 (1,95)	0,0258 (1,71)	0,0052 (1,57)	0,0064 (1,55)	0,0031 (1,50)	0,0270 (1,43)
Ensino Fundamental	0,0124 (0,56)	-0,0043 (-0,56)	-0,0033 (-0,56)	-0,0006 (-0,56)	-0,0007 (-0,56)	-0,0003 (-0,56)	-0,0029 (-0,56)
Ensino Médio	0,0563 (2,84)	-0,0197 (-2,80)	-0,0153 (-2,81)	-0,0029 (-2,69)	-0,0035 (-2,76)	-0,0016 (-2,55)	-0,0132 (-2,81)
PEA	-0,0036 (-0,23)	0,0012 (0,23)	0,0010 (0,23)	0,0001 (0,23)	0,0002 (0,23)	0,0001 (0,23)	0,0008 (0,23)
Região Metropolitana/Capital	-0,0459 (-3,37)	0,0161 (3,31)	0,0125 (3,34)	0,0024 (3,10)	0,0028 (3,07)	0,0013 (2,85)	0,0107 (3,34)
Sul	-0,0684 (-1,93)	0,0217 (2,12)	0,0183 (1,95)	0,0036 (1,85)	0,0044 (1,81)	0,0021 (1,77)	0,0180 (1,74)
Nordeste	-0,0236 (-0,77)	0,0079 (0,79)	0,0064 (0,77)	0,0012 (0,76)	0,0014 (0,76)	0,0007 (0,75)	0,0057 (0,74)
Sudeste	0,0156 (0,62)	-0,0053 (-0,63)	-0,0042 (-0,62)	-0,0008 (-0,62)	-0,0009 (-0,62)	-0,0004 (-0,61)	-0,0037 (-0,61)
Índice visão secular/liberal	-0,0191 (-4,25)	0,0066 (4,17)	0,0052 (4,13)	0,0010 (3,69)	0,0011 (3,73)	0,0005 (3,35)	0,0045 (4,21)
Estudo em instituição religiosa	0,0087 (0,51)	-0,0030 (-0,51)	-0,0023 (-0,51)	-0,0004 (-0,51)	-0,0005 (-0,51)	-0,0002 (-0,51)	-0,0020 (-0,52)
Religião anterior católica	-0,0127 (-0,41)	0,0044 (0,40)	0,0034 (0,41)	0,0006 (0,41)	0,0007 (0,41)	0,0003 (0,41)	0,0029 (0,41)
Religião anterior evangélica pentecostal	-0,0609 (-1,51)	0,0197 (1,63)	0,0164 (1,52)	0,0032 (1,45)	0,0039 (1,44)	0,0018 (1,41)	0,0157 (1,39)
Religião anterior evangélica não pentecostal	-0,0482 (-0,93)	0,0156 (0,99)	0,0130 (0,94)	0,0025 (0,90)	0,0031 (0,90)	0,0014 (0,88)	0,0123 (0,86)
Sem religião anteriormente	-0,1510 (-3,39)	0,0425 (4,36)	0,0397 (3,49)	0,0083 (2,98)	0,0102 (2,94)	0,0049 (2,74)	0,0451 (2,74)
Religião atual católica	-0,0104 (-0,38)	0,0036 (0,38)	0,0028 (0,38)	0,0005 (0,38)	0,0006 (0,38)	0,0003 (0,38)	0,0024 (0,38)
Religião atual evangélica pentecostal	0,1004 (3,70)	-0,0378 (-3,42)	-0,0273 (-3,63)	-0,0051 (-3,40)	-0,0059 (-3,52)	-0,0028 (-3,16)	-0,0213 (-4,01)
Religião atual evangélica não pentecostal	0,1012 (3,08)	-0,0396 (-2,76)	-0,0276 (-3,06)	-0,0050 (-3,01)	-0,0058 (-3,09)	-0,0027 (-2,91)	-0,0203 (-3,57)
Sem religião atualmente	-0,3635 (-9,34)	0,0680 (17,79)	0,0859 (10,65)	0,0202 (5,99)	0,0260 (5,90)	0,0131 (4,49)	0,1502 (5,84)

Fonte: Elaborado pela autora. Estatística z entre parênteses.

A visão secular afeta negativamente a frequência da reza, diminuindo as chances de rezar ou orar diariamente em 1,91 p.p. O efeito é pequeno para os demais níveis de frequência. Note igualmente que o fato de estudar ou ter estudado em instituição religiosa não teve efeito sobre a frequência da oração.

Em relação à religião anterior, apenas a ausência de religião teve efeito sobre o comportamento religioso atual. Os que não tiveram religião antes têm maiores chances de não ter o costume de rezar ou orar.

Já em relação à religião atual, repare que o fato de ser católico não tem impacto sobre a frequência com que costuma orar. Para as religiões evangélicas, os resultados são similares – tanto os evangélicos pentecostais quanto os não pentecostais costumam orar diariamente, mesmo observado por Rosas e Muniz (2014). Por fim, o fato de não ter religião atualmente aumenta a probabilidade de não costumar rezar em 15,02 p.p.

Em suma, verifica-se que gênero masculino, ter casado com alguém de outra religião, residir na capital ou região metropolitana, ter visão secular/liberal, não ter tido religião antes e não ter religião atualmente são fatores que diminuem as chances de praticar a religião. Por outro lado, as principais características de interesse da secularização, aquelas referentes à condição socioeconômica, em sua maioria, não se mostraram significantes, e o nível de escolaridade teve sinal contrário ao esperado em relação à frequência da reza/oração. Este resultado é semelhante aos encontrados por Azzi e Ehrenberg (1975), Iannaccone (1998), Barro e McCleary (2003) e Irfi, Cruz e Carvalho (2014).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil passou por rápidas transformações no panorama religioso, sendo notório neste contexto o crescimento dos sem religião. Mesmo entre aqueles que professam alguma religião, é possível que a prática e a reiteração das crenças estejam aquém do que as igrejas esperam dos fiéis. Como a desfiliação religiosa indica enfraquecimento da fé, o aumento no número daqueles que declaram não ter religião poderia ser indicativo de uma mudança mais profunda na religiosidade dos brasileiros, iniciada com a separação da Igreja Católica do Estado e acelerada, nos últimos anos, pelo pluralismo religioso.

Neste sentido, o presente trabalho se propôs a investigar se o Brasil estaria passando por um momento de perda da relevância da religião. A partir dos conceitos da Teoria da Secularização, e utilizando o arcabouço teórico de Azzi e Ehrenberg (1975) para os dados da Pesquisa sobre Religião no Brasil de 2007, foram estimados modelos que pudessem captar o abandono da religião, a ausência de prática religiosa e a descrença.

Considerando os resultados, a diferença no nível de religiosidade entre os gêneros é provavelmente o aspecto mais importante. Com efeito, o fato de o indivíduo ser do sexo masculino contribui não apenas com a ausência de prática religiosa, mas também com a descrença e o abandono da religião. Percebeu-se também que o fato de ter casado com alguém de outra religião tem relação com a ausência de prática religiosa, mas não com a descrença ou a desfiliação.

Conforme já demonstrado pela literatura, indivíduos mais velhos são mais assíduos *vis-à-vis* indivíduos mais novos. Contudo, a descrença aumenta com a idade. Pode-se atribuir este resultado aparentemente contraditório ao motivo pelo qual as pessoas mais velhas vão à igreja – não por fidelidade à religião, mas como uma alternativa de integração social.

Quanto aos atributos socioeconômicos, verificou-se que menores níveis de renda familiar tem impacto negativo sobre a probabilidade de desfiliação e de descrença. Contrariando a hipótese da secularização, o nível de escolaridade se mostrou associado a maiores chances de rezar ou orar diariamente. E o fato de trabalhar fora ou estar procurando emprego esteve relacionado a menor chance de descrença.

O efeito de ter uma visão secular sobre questões morais (Divórcio, Uso de camisinha, Legalização da união entre pessoas do mesmo sexo, Adoção de crianças por casais homossexuais, Modificar Lei do aborto, Eutanásia, Pena de morte) teve maior impacto sobre a frequência à igreja, diminuindo a chance de frequentar pelo menos uma vez por semana.

Esperava-se que o fato de estudar ou ter estudado em instituição religiosa tivesse impacto sobre a descrença e a desfiliação. Talvez o efeito não tenha sido significativo porque algumas escolas dispensam os alunos das aulas de religião.

Os evangélicos se mostraram menos propensos à descrença e à falta de compromisso religioso. Por outro lado, o fato de já ter sido evangélico pentecostal se mostrou associado a maior chance de desfiliação. Isto, possivelmente, se justifica pelo fato de que alguns dos sem religião tem vasto currículo religioso, indicando uma busca pelo sagrado, mas de acordo com suas necessidades.

Iannaccone (1998) destacou que as pessoas atrelam sua fidelidade religiosa aos benefícios imediatamente percebidos como consequência da religião. Conforme Fonseca (2000), o pluralismo causado pelo crescimento dos pentecostais leva à competição por fiéis, o que motiva a oferta de bens religiosos de melhor qualidade, mas, ao mesmo tempo, desestimula a continuidade na religião, pois tão logo o *fiel* receba o que procura, ele não se sentirá mais inclinado a permanecer na mesma igreja. Assim, é razoável supor que a característica de buscar o sagrado da maneira mais conveniente tem raízes entre os pentecostais, e que por isso eles são mais propensos a abandonar a religião.

O fato de não ter religião atualmente teve grande impacto sobre a ausência de prática religiosa, porém, o efeito sobre a descrença em Deus/Força Superior foi menor, corroborando, assim, a afirmação de que não ter religião não está necessariamente associado ao ateísmo.

Observou-se também que o fato de residir em regiões metropolitanas esteve associado a menores níveis de religiosidade. Em relação às macrorregiões, embora os nordestinos sejam os mais apegados à religião em termos de pertencimento a uma instituição religiosa, isso não implica que eles sejam igualmente praticantes ou crédulos.

Em resumo, pode-se dizer que os resultados gerais esperados foram alcançados: o perfil demográfico, cultural e geográfico dos seculares (desfiliaados, descrentes e não praticantes) é semelhante, e, de fato, estar filiado a uma igreja não implica necessariamente em crença ou prática religiosa, e vice-versa.

Porém, as características socioeconômicas, que tem maior importância na teoria do secularismo, tiveram pouco ou nenhum efeito, e em alguns casos, até sinal contrário ao predito pela teoria em teste. É possível que as diferenças socioeconômicas entre as religiões expliquem a existência de graus diferentes de secularismo para cada uma delas.

Finalmente, acredita-se que o objetivo de prover informações quanto à importância da secularização para explicar as mudanças no perfil religioso do Brasil foi alcançado. Existe secularização no Brasil; o desafio, agora, é saber se esta continuará a influenciar a demanda

por religião no país, ou se será superada pelo *reencantamento* proporcionado pelas religiões evangélicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, R. D., & Monteiro, P. (2001). Trânsito religioso no Brasil. **São Paulo em perspectiva**, v. 15, n. 3, p. 92-100.
- Alves, J. E. D., Barros, L. F. W., & Cavenaghi, S. (2012). A dinâmica das filiações religiosas no Brasil entre 2000 e 2010: diversificação e processo de mudança de hegemonia. **Revista de Estudos da Religião**, v. 12, n. 2, p. 145-174.
- Anuatti-Neto, F., & Narita, R. D. T. (2004). A influência da opção religiosa na acumulação de capital humano: um estudo exploratório. **Estudos Econômicos**, v. 34, n. 3, p. 451-486.
- Azzi, C., & Ehrenberg, R. (1975). Household allocation of time and church attendance. **Journal of Political Economy**, v. 83, n. 1, p. 27-56.
- Barro, R., & McCleary, R. M. (2003). International determinants of religiosity (No. w10147). **National Bureau of Economic Research**.
- Ben-Akiva, M. E., & Lerman, S. R. (1985). Discrete choice analysis: theory and application to travel demand (Vol. 9). **MIT press**.
- Brañas-Garza, P., García-Muñoz, T., & Neuman, S. (2007). Unravelling secularization: an international study. **Vol.**
- Coutinho, R. Z., & Golgher, A. B. (2014). The changing landscape of religious affiliation in Brazil 1980-2010: age, period and cohort perspectives. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v. 31, n.1, p. 73-98.
- Cunha, N. M., Rios-Neto, E. L. G., & de Oliveira, A. M. H. C. (2014). Religiosidade e desempenho escolar: o caso de jovens brasileiros da região metropolitana de Belo Horizonte. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 44, n. 1.
- Dobbelaere, K. (1999). Towards an integrated perspective of the processes related to the descriptive concept of secularization. **Sociology of Religion**, v. 60, n. 3, p. 229-247.
- Fonseca, A. B. (2000). Nova Era evangélica, Confissão Positiva e o crescimento dos sem religião. **Revista de Estudos e Pesquisa da Religião**, v. 3, n. 2, p. 63-90.
- Halman, L., & Draulans, V. (2006). How secular is Europe? **The British Journal of Sociology**, v. 57, n. 2, p. 263-288.
- Iannaccone, L. R. (1998). Introduction to the Economics of Religion. **Journal of Economic Literature**, v. 36, n. 3. p. 1465-1495.
- Irfi, G.; Cruz, M. S.; Carvalho, E. B. S (2014). Determinantes da Frequência Religiosa da Mulher Brasileira. In: **III Encontro Pernambucano de Economia – ENPECON**, 2014, Recife. Políticas Para o Desenvolvimento Estadual.
- Mariano, R. (2008). Usos e limites da teoria da escolha racional da religião. **Tempo social**, v. 20, n. 2, p. 41-66.

McCleary, R. M., & Barro, R. J. (2006). Religion and economy. **Journal of Economic Perspectives**, v. 20, n. 2, p. 49-72.

Moreira-Almeida, A., Pinsky, I., Zaleski, M., & Laranjeira, R. (2010). Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 37, n. 1, p. 12-15.

Neri, M. (2007). Economia das religiões. Rio de Janeiro: FGV.

Oliveira, L. L. S. D., Cortes, R. X., & Balbinotto Neto, G. (2013). Quem vai à igreja? Um teste de regressão logística ordenada do modelo de Azzi-Ehrenberg para o Brasil. **Estudos Econômicos**, v. 43, n. 2, p. 363-396.

Rosas, N., & Muniz, J. O. (2014). O hábito faz o monge? Frequência e autopercepção religiosas no Brasil. **Mediações – Revista de Ciências Sociais**, v. 19, n. 1, p. 187-213.

Santos Rodrigues, D. (2007). Religiosos sem igreja: um mergulho na categoria censitária dos sem religião. **Revista de Estudos da Religião**, p. 31-56.

Secularization (Theory). **The Association of Religious Data Archives (THE ARDA)**. Disponível em: <<http://wiki.thearda.com/tcm/theories/secularization/>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

Sherkat, D. E. (1991). Leaving the faith: Testing theories of religious switching using survival models. **Social Science Research**, v. 20, n. 2, p. 171-187.

Stark, R. (1999). Secularization, rip. **Sociology of religion**, v. 60, n. 3, p. 249-273.

The global religious landscape. **Pew Research Center's Forum on Religion and Public Life**, 18 dezembro 2012. Disponível em: < <http://www.pewforum.org/2012/12/18/global-religious-landscape-exec/>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

Voas, D. (2003). Intermarriage and the demography of secularization. **The British Journal of Sociology**, v. 54, n. 1, p. 83-108.

APÊNDICE A – QUADRO COM A DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS

Quadro 1: Descrição das variáveis.

Variável	Descrição
Demográficas	
Homem	1 se for do sexo masculino, e 0 feminino
Idade1	1 se tiver entre 16 e 24, e 0 caso contrário
Idade2	1 se tiver entre 25 e 34 anos, e 0 caso contrário
Idade3	1 se tiver entre 35 e 44 anos, e 0 caso contrário
Idade4	1 se tiver entre 45 e 59 anos, e 0 caso contrário
Idade5	1 se tiver mais de 60 anos, e 0 caso contrário
Casado	1 se é casado (formal ou informalmente), e 0 caso contrário
Casou com alguém de outra religião	1 se casou com alguém de outra religião, e 0 caso contrário
Socioeconômicas	
Analfabeto	1 se é analfabeto, e 0 caso contrário
Ensino Fundamental	1 se tem ensino fundamental (completo ou incompleto), e 0 caso contrário
Ensino Médio	1 se tem ensino médio (completo ou incompleto), e 0 caso contrário
Ensino Superior	1 se tem pelo menos ensino superior incompleto, e 0 caso contrário
Renda 1 (R\$ 0 a R\$ 700)	Renda bruta do domicílio (até dois salários mínimos ¹¹)
Renda 2 (R\$ 701 a R\$ 1.750)	Renda bruta do domicílio (entre dois e cinco salários mínimos)
Renda 3 (R\$ 1.751 a R\$ 3.500)	Renda bruta do domicílio (entre cinco e dez salários mínimos)
Renda 4 (mais de R\$ 3.500)	Renda bruta do domicílio (mais de dez salários mínimos)
PEA	1 se faz parte da população economicamente ativa, e 0 caso contrário
Culturais	
Índice visão secular	0- muito conservador até 7- muito liberal
Religião Anterior Católica	1 se a religião anterior era católica, 0 caso contrário
Religião Anterior Evangélica Pentecostal	1 se a religião anterior era evangélicapentecostal, 0 caso contrário
Religião Anterior Evangélica Não Pentecostal	1 se a religião anterior era evangélica não pentecostal, 0 caso contrário
Sem religião anteriormente*	1 se não tinha religião antes, e 0 caso contrário
Religião Atual Católica*	1 se a religião atual é católica, 0 caso contrário
Religião Atual Evangélica Pentecostal*	1 se a religião atual é evangélicapentecostal, 0 caso contrário
Religião Atual Evangélica Não Pentecostal*	1 se a religião atual é evangélica não pentecostal, 0 caso contrário
Sem Religião*	1 se não tem filiação religiosa atualmente, 0 caso contrário
Estudou em Instituição religiosa	1 se estudou/estuda em instituição religiosa, e 0 caso contrário
Geográficas	
Sudeste	1 se reside no Sudeste, e 0 caso contrário
Sul	1 se reside no Sul, e 0 caso contrário
Nordeste	1 se reside no Nordeste, e 0 caso contrário
Norte/Centro-Oeste	1 se reside no Norte/Centro-oeste, e 0 caso contrário
Capital ou Região Metropolitana	1 se reside na Capital ou Região Metropolitana, e 0 caso contrário

Fonte: Elaborado pela autora a partir da PRB (2007).

*Nota: Variável não utilizada no modelo 1 (desfiliação).

¹¹ Em virtude da disponibilidade dos dados, considerou-se para as *dummies* de renda familiar o salário mínimo no ano da pesquisa (2007), cujo valor era R\$ 350,00.